

# A fantástica superficialidade

(a respeito da homeopatia na Rede Globo)

Desde 2 de maio, milhões de espectadores vem sendo ludibriados pela evocação em um programa dominical de que a homeopatia seria “testada”, e o teste resultaria em prêmios financeiros milionários. Já bastaria este fato para provocar certa repulsa. Mais uma vez a mediocridade e a indecência da abusiva superficialidade pautaram o tom da TV brasileira.

A análise histórica mostra que a idéia de “torneios terapêuticos” e “testes” sempre resultam em problemas para os homeopatas – e portanto para os pacientes – quando não chegaram ao ponto de requerer a interdição de sua prática, como aconteceu na Alemanha, França e nos EUA. O mesmo fenômeno se verificou desde o século XIX, repetiu-se com pesquisadores do XX e vem ocorrendo nos últimos 200 anos.

O que será que acontece com esta discussão que jamais se torna suficientemente elucidativa? Por que não amadurece? Por que será que a natureza da polêmica acaba sempre vindo bater às portas do imprevisto e da grosseira superficialidade? Passada a fase de evocar teorias conspiratórias, nos resta uma tendência a examinar a incapacidade que parte da ciência hegemônica tem para aturar contradições.

A homeopatia contraria determinadas regras da farmacologia? Desafia postulados da físico-química? Quer rediscutir o que é de fato curar? Acha que deve haver uma prática de medicina que leve em consideração o sujeito e não só a doença? Valoriza a narrativa e o qualitativo em medicina? Sim, e daí? A homeopatia não está sozinha nisso. Epistemólogos como Thomas Kuhn já mostraram a natureza flutuante dos paradigmas que ainda não se firmaram, e sua substituição por outros. A ciência é apenas um aspecto que merece ser examinado entre tantos outros, como, por exemplo, a motivação psicológica ou ideológica dos pesquisadores. Essas lutas podem demorar séculos e aconteceram com várias teorias científicas. Este seria um esclarecimento respeitoso que enalteceria a inteligência dos telespectadores.

Mas, desgraçadamente, o que aquela mídia buscava era a audiência, não exatamente o esclarecimento. Buscar denunciar o que julga engodo ou fraude é lícito – talvez a função mais nobre das mídias em uma democracia representativa – mas quem controlará a intencionalidade da denúncia? E mais: quem controlará os resultados daquilo que investiga?

Comparar a homeopatia – como foi feito no primeiro programa exibido pelo *Fantástico* – com “falsos paranormais” desmascarados, e enaltecer a pífia figura de um senhor que tem a coragem – ou a falta de autocrítica – de se intitular “mágico e cético” coloca todo o projeto sob suspeita. Este senhor – um mágico profissional que ganha a vida fazendo uma cruzada pela fé tecnológica – promete o que não poderá cumprir: que ao final nos mostrará o teste definitivo: “funciona ou não funciona”. Eis um desserviço significativo. Trata-se de um ultraje aos milhões de usuários e, por que não dizer?, uma instrumentalização preconceituosa da opinião pública.

Seria certamente inútil dizer que a homeopatia é uma especialidade médica e farmacêutica reconhecida pelos Conselhos Federal de Medicina e de Farmácia, respectivamente. Que é ensinada em Instituições Universitárias, que possui diversas inserções na comunidade científica, que enfim evolui como um conhecimento válido em nossos tempos. Que beneficia milhões e tanto a OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde) como a OMS (Organização Mundial de Saúde) a recomendam como uma tecnologia médica válida.

No segundo programa o tom foi mais ameno, mas ainda assim colocou-se ênfase no provisório e na evocação cabotina de que o verdadeiro teste estava por vir. Na linha da ironia, poderíamos apenas resmungar. Ora, que desperdício fazer isso em vários módulos... Defina-se já o veredicto, emita-se o julgamento sumário como é praxe: “quanto à homeopatia, desta não se pode dizer que funciona nem que não funciona”.

\* Editor da Revista Cultura Homeopática, Médico Homeopata, Chefe do Depto. Científico da EPH, Mestre em Medicina Preventiva pela FMUSP, Doutorando na mesma Instituição

Aliás, similar têm sido o resultado do infrutífero e desgastante embate entre homeopatas fanáticos e sua oposição irascível, ambos evidentemente equivocados.

No terceiro programa, admitiu-se que a homeopatia poderia funcionar, mas devido ao próprio sistema imunológico do indivíduo, ao efeito placebo, ou apenas porque as consultas aprofundadas já ajudam o organismo a reagir. Mais uma vez, o programa optou pelo superficial<sup>3</sup>.

Há um “pequeno” problema nisso tudo, pois, afinal, não deveria haver, em ciência, o mesmo gênero de tensão que povoa o imaginário do torcedor dos estádios ou dos militantes partidários. A salutar tensão que existe em ciência é literalmente de outra natureza. Envolve avaliar dialeticamente os fatos, testar hipóteses. Expô-las à contradição, buscar falseá-las e deixar que os argumentos e a inteligência da audiência (e dos usuários) definam afinal o que farão na vida prática com aquelas informações. Usar ou não usar. Confiar ou não confiar. Ou até mesmo confiar duvidando, usar desconfiando.

Por isso mesmo jamais haverá um teste derradeiro, aquela experiência crucial que comprovará ou refutará a homeopatia, assim como nunca haverá uma “prova dos nove” para a psicanálise e quiçá até para a própria biomedicina, em muitas de suas evidentes contradições. É muito provável que a homeopatia elucide determinados trechos da medicina e da epidemiologia e que seja elucidada em outros segmentos pela genética, pela nanotecnologia e pelas ciências humanas.

Assim caminha aquilo que outro estudioso de berçários de teorias científicas, Paul Feyrabend, chamava de “pluralidade metodológica” e que os cientificistas não compreendem, vale dizer, não aceitam. Sob a razão monológica que os guia, equivaleria admitir – como já chegamos a ouvir – que teriam que “rasgar seus diplomas”. Em sua visão reducionista, tudo é preto no branco, é certo ou errado. Para essas mentes não existem contextos ou condicionalidades. Não existe, enfim, a possibilidade da quase-verdade. Tratam-se, afinal, de falsos céticos, pois somente acreditam em sua dogmática incredulidade – que defendem como uma causa – enquanto o verdadeiro cético duvida até de si mesmo, de preferência com bom humor.

Os experimentos do médico e pesquisador francês do INSERM Jacques Benveniste, publicados na famosa *Nature* em 1988 e ridicularizados por figuras como o tal mágico<sup>1</sup>, foram muito recentemente comprovados por pesquisadores europeus que evidenciaram a presença – em substâncias ultradiluídas – de informações de caráter provavelmente eletromagnético, nas misturas soluto-solvente, que estavam, muito acima do limiar de dispersão da matéria (conhecido em ciência como número do Avogadro).

Há dois anos, na primeira página do *The Guardian*, um desses pesquisadores – que na ocasião do *affair* na *Nature* havia vilipendiado Benveniste e suas pesquisas – fez uma revisão do trabalho e no mais tradicional estilo *mea culpa* afirmava que aqueles experimentos foram retestados e apresentavam fortes evidências de comprovação empírica, vale dizer, que ele estava certo, ainda que com resultados inconclusos. É verdade que Benveniste quase chegou a perder sua reputação e admitiu falhas metodológicas em seu trabalho, mas, em entrevista à revista *Cultura Homeopática*<sup>2</sup>, ele afirmava que valeu correr o risco, pois ele estava mexendo com os mais inconfessáveis preconceitos da ciência: a ignorância sobre o que é o elemento água, cujas ligações estáveis ainda não são explicáveis por nenhuma teoria científica conhecida e que o fez formular sua famosa hipótese da “memória da água”.

Mas será que isso “provará” ou “condenará” a homeopatia? Não. Aí reside o engano. Mostra somente que está havendo um progresso de esclarecimentos – uma das características de uma prática científica, segundo Gastón Bachelard – e que nos levará a perceber cada vez mais claramente como a homeopatia trata e quais suas perspectivas.

A homeopatia não pretende ser hegemônica, apenas deseja que sua técnica, sua forma peculiar de avaliar saúde e enfermidade, possam permanecer sendo investigadas em igualdade de condições com outras terapêuticas.

A homeopatia é, enfim, popular, porque, acolhendo a diversidade, coloca questões antropológicas, sócio-ambientais e culturais que vão para bem além de uma mera ação medicalizadora da vida: entra na questão do que é saúde para cada um de nós. E isso não tem preço, ou prêmio.

1. Conforme informações de seu próprio *website* o Sr. James Randy tem uma fundação “sem fins lucrativos”, que vive de doações anônimas. Entre seus clientes estão empresas tais como a Exxon Research Club e os Los Alamos National Laboratory.

2. <http://www.escoladehomeopatia.org.br/download/ch01.pdf>

3. Leia também, no site da Escola, o artigo “Homeopatia e saúde: o preço da diversidade”